

Isolamento social e transtornos mentais entre acadêmicos de enfermagem de uma universidade federal na cidade do Rio de Janeiro

Social isolation and mental disorders among nursing college students at the federal university in the city of Rio de Janeiro

Jorge Luiz Lima da Silva¹, Claudia Maria Messias², Maria da Soledade Simeão³, Wallace Henrique Pinho da Paixão⁴, Gabriel Manhães de Carvalho⁵

Como citar esse artigo. SILVA, J. L. L. MESSIAS, C. M. SIMEÃO, M. S. PAIXÃO, W. H. P. CARVALHO, G. M. Isolamento social e transtornos mentais entre acadêmicos de enfermagem de uma universidade federal na cidade do Rio de Janeiro. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 1, p. 83-96, jan./abr. 2025.

Resumo

Os transtornos mentais comuns (TMC) têm alta prevalência, com sintomas difusos e pouco detectados em vários grupos. Objetivo: conhecer o perfil sociodemográfico e de vida acadêmica dos alunos de Enfermagem de uma Universidade Federal localizada na cidade do Rio de Janeiro, observando a prevalência de TMC, durante a pandemia de covid-19. Método: estudo epidemiológico seccional descritivo, no qual os participantes foram questionados sobre vida acadêmica e aspectos sociodemográficos. Estudo aprovado pelo CEP/UFRJ (parecer número 4.263.701, CAAE: 36482520.9.0000.5238). Resultados: a prevalência de suspeição de TMC foi de 70,6%. Conclusão: sobre as variáveis sociodemográficas o sexo feminino estatisticamente significativo. Em relação à vida acadêmica, qualidade ruim da internet e falta de ambiente próprio para estudo se associaram ao TMC.



Palavras-chave: Estudantes de Enfermagem; Transtornos Mentais; Isolamento Social; Pandemia.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

Common mental disorders (CMD) have high prevalence, with diffuse symptoms that are often undetected in various groups. Objective: to understand the sociodemographic profile and academic life of nursing students at the Federal University of Rio de Janeiro (UFF), observing the prevalence of CMD during the COVID-19 pandemic. Method: a cross-sectional descriptive epidemiological study, in which participants were questioned about their academic life and sociodemographic aspects. The study was approved by the UFRJ Ethics Committee (opinion number 4,263,701, CAAE: 36482520.9.0000.5238). Results: the prevalence of suspected CMD was 70.6%. Conclusion: regarding the sociodemographic variables, female gender was statistically significant. Regarding academic life, poor quality of the internet and lack of a suitable environment for study were associated with CMD.

Keywords: Students, Nursing; Mental Disorders; Social Isolation; Pandemic.

Afiliação dos autores:

¹Docente. Depto. Materno infantil e psiquiatria – UFF. Doutor em Saúde Pública/ Fiocruz, Niterói, RJ, Brasil.

²Docente. Depto. Materno infantil e psiquiatria – UFF. Doutora em Enfermagem/ UFRJ. Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Universidade Federal do Ceará (PPAC/UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.

³Docente. Depto. Metodologia de enfermagem – UFRJ. Doutora em Enfermagem/ USP, Niterói, RJ, Brasil.

⁴Enfermeiro especialista. Mestrando em Oncologia pelo Instituto Nacional de Câncer, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁵Acadêmico de Enfermagem – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

E-mail de correspondência: jorgeluizlima@gmail.com

Introdução

Em dezembro de 2019, foi relatado em Wuhan, na China, um surto de doença causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda severa. A alta virulência do novo coronavírus, associada à inexistência de um tratamento eficaz para a doença, levou à adoção de medidas emergenciais preventivas capazes de proteger a saúde e salvar vidas em todo o mundo, como a quarentena e o isolamento social (Rodrigues *et al.*, 2020).

Embora tais medidas de isolamento social sejam largamente recomendadas pelas comunidades científicas, revisões sistemáticas e ensaios teórico-reflexivos atuais têm concomitantemente destacado os seus potenciais impactos negativos na saúde mental. Nessa perspectiva, pesquisadores destacaram que os impactos indiretos da pandemia na saúde mental das pessoas se tornarão uma preocupação crescente, mesmo que as suas implicações psicológicas e psiquiátricas, derivadas de suas características, ainda sejam sutis. Essas implicações podem ser ainda mais intensas para parcelas populacionais que apresentavam previamente vulnerabilidades em saúde mental (Mota *et al.*, 2021).

Adicionalmente, fatores inerentes à rápida disseminação de um vírus desconhecido, o temor em ser infectado, a visualização do poder de transmissão pelos meios de comunicação e a possibilidade de ser fatal suscitam angústia e medo em grande parte dos indivíduos, interferindo diretamente no bem-estar psicológico (Cardoso *et al.*, 2022).

Esse fato é comprovado pelos acréscimos exponenciais na estatística de sintomas mentais em diversas nações nesse período, como sentimento de culpa, distúrbios de sono, tristeza generalizada, mudanças nos padrões alimentares, falta de concentração, irritabilidade, dificuldade de memória, fadiga e queixas somáticas. Essas manifestações caracterizam os transtornos mentais comuns (TMC), um conjunto de sintomas somáticos, ansiosos e depressivos que podem ser desencadeados por fatores estressores (Goldberg, 1994).

Dessa forma, dados mostram que a pandemia trouxe alterações comportamentais sérias, mostrando aumento dos níveis de ansiedade em 69%, estresse em 62% e agravo do estado de saúde em 35%. Assim, os acadêmicos afetados apresentam alterações mentais, que podem até ser identificadas como TMC (Leao; Goto; Ianni, 2021). Em relação aos estudantes de Enfermagem, o estranhamento diante de situação estressante nova pode levar ao desenvolvimento do transtorno, contribuindo de forma negativa para o aproveitamento do curso e desenvolvimento pessoal e profissional (Bublitz *et al.*, 2012).

Universitários dos cursos da área de saúde, como Enfermagem, convivem com particularidades passam por situações de contexto acadêmico relacionadas à falta de tempo para atender as demandas que a Universidade exige, período de provas, tarefas extracurriculares, exigências de desempenho nas atividades e ainda conciliá-las com as responsabilidades pessoais como: trabalho; casa e filhos; também lidam com situações características da profissão de experiências com a morte das pessoas; responsabilidade com a vida do outro; relações interpessoais; sentimento de medo nas aulas práticas; estágios e na vida profissional considerados então como fatores estressores (Gomes, 2016). Um estudo aponta que a prevalência de TMC é de cerca de 40% entre os acadêmicos de Enfermagem (Oliveira *et al.*, 2020).

O processo de adaptação ao ensino superior requer atenção, haja vista que durante essa fase ocorrem mudanças não somente na vida acadêmica, como também na saúde dos universitários. É necessário levar em conta a complexidade dos problemas que podem surgir ao longo da jornada acadêmica e seus fatores de risco. Com isso, é fundamental a construção de estratégias para a manutenção da saúde mental para que o sofrimento mental ligado aos fatores estressores não cause debilidade da saúde geral dos estudantes, prejudicando sua qualidade de vida (Carleto *et al.*, 2018).

Mediante o exposto, o estudo objetivou conhecer o perfil sociodemográfico e de vida acadêmica dos alunos de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), observando a incidência de TMC, no período de isolamento social da pandemia de covid-19.

Material e método

Trata-se de estudo epidemiológico observacional, transversal, descritivo. O protocolo da pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem Anna Nery – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atendendo às diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo humanos, conforme a Resolução CNS 466/2012. O projeto foi aprovado sob o parecer número 4.263.701 e CAAE 36482520.9.0000.5238.

A amostra do estudo compreendeu 259 estudantes da escola de Enfermagem, de ambos os sexos, regularmente matriculados, com idades entre 18 e 60 anos e que concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (critérios de inclusão). Foram excluídos os alunos com matrícula trancada, abandono ou ausência maior do que três meses, e aqueles que se transferiram para o curso há menos de um semestre.

Considerando-se uma população homogênea, nível de confiança de 95%, erro amostral de 5% e incidência de 20% de TMC, a partir do total de 597 estudantes matriculados em março de 2020, obteve-se, para fins de cálculo amostral, o mínimo de 175 participantes para a pesquisa. Foram então, incluídos 259, assegurando o número mínimo necessário, e contando com possíveis perdas nas análises, as quais não ocorreram, o que aumentou a robustez na amostragem.

Após a abordagem e a explicação dos objetivos da pesquisa, os participantes que aceitaram participar do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) eletrônico. Somente após o aceite, os questionários foram disponibilizados para os participantes da pesquisa, via online. A qualquer momento, o participante poderia solicitar voluntariamente a saída da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários online que foram elaborados de forma clara e comprehensível para incentivar os participantes a responderem a todas as questões, minimizando erros ou dados ausentes.

O formulário foi composto por cinco blocos. Bloco A que aborda questões sobre a saúde mental, sendo composto pelo Inventário de Ansiedade de Beck, composto por 21 perguntas e questões relacionadas à percepção de ansiedade, composto por 11 perguntas e o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), e de um questionário de autoavaliação de 20 perguntas que servem para rastrear transtornos mentais comuns (Guirado, Pereira, 2016). O bloco B traz questões relacionadas à pandemia do coronavírus que poderiam afetar a saúde psicológica dos participantes (Silva; Santos; Oliveira, 2020) composto de oito perguntas abertas e fechadas. O bloco C aborda os hábitos de saúde dos participantes, prática de atividade física, tabagismo, consumo de álcool e drogas ilícitas, pois se ressalta que os hábitos de vida estão diretamente associados à qualidade de vida e bem estar das pessoas. Este foi composto de nove perguntas fechadas e de 11 perguntas abertas e fechadas. O bloco D levanta perguntas sobre os aspectos relacionados às características sociodemográficas, renda per capita familiar por salário mínimo. Os estratos da variável cor da pele autorreferida baseiam-se em classificação proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: branca; preta; parda; amarela ou indígena. O bloco E trata de questões sobre a vida acadêmica antes e durante a crise de saúde, investigando variáveis como: período da graduação, mudanças e adaptações de atividades curriculares, informações sobre recursos tecnológicos entre outras questões, com 14 perguntas abertas e fechadas. A soma das variáveis dos blocos totaliza cerca de 100 itens. O SRQ-20 é amplamente utilizado para estimar casos suspeitos de TMC em populações, é validado pela Organização Mundial de Saúde, possui sensibilidade e especificidade de cerca de 80% e classifica os resultados em sujeitos não suspeitos (menor ou igual a 5 ou 7 respostas positivas) e sujeitos suspeitos (maior ou igual 5 ou 7 respostas positivas) (Guirado, Pereira, 2016). No presente trabalho, escolheu-se como ponto de corte de 7 respostas positivas para a classificação de sujeito suspeito, baseado em estudos anteriores na literatura (Souza; Caldas; Antoni, 2017; Gonçalves; Stein; Kapczinski, 2008).

A coleta das respostas ocorreu entre setembro e dezembro de 2020. Os dados de todos os participantes foram alocados no e-mail cadastrado para o projeto, pois os formulários haviam sido elaborados no *Google Forms*. As análises estatísticas foram realizadas utilizando os softwares *Statistical Package for the Social*

Sciences (SPSS®), versão 21, RStudio e Microsoft Excel®.

As variáveis foram avaliadas a partir de seções organizadas por assuntos ou estratos como, por exemplo, idade, sexo e renda *per capita* por salário-mínimo, período de graduação, adaptações das atividades acadêmicas, dentre outras. A classificação proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi utilizada em relação à variável cor de pele autorreferida. O questionário de perguntas sociodemográficas incluía ainda outras variáveis como ‘situação conjugal’, ‘presença ou não de filhos’, dentre outras.

Os valores absolutos e as proporções foram calculados para as variáveis categóricas. As frequências médias com respectivos desvios-padrões foram calculadas para as variáveis contínuas. As variáveis organizadas em estratos foram submetidas a análise bivariada, segundo as respectivas médias encontradas. Durante as análises bivariadas em tabelas de contingência foram utilizados o teste qui-quadrado de Pearson (χ^2) para verificar diferenças entre os grupos, e o valor $p \leq 0,05$ foi considerado na avaliação de significância estatística.

Resultados

A prevalência geral de TMC na população do estudo foi de 70,6% ($N = 182$), acima do valor de corte (7 respostas “sim”) o que indica o elevado grau de suspeição. Em relação às medidas de dispersão, os seguintes valores foram determinados: média de 10,13 ($DP \pm 4,67$), mediana de 10, e moda de 13. O valor de alfa de Cronbach encontrado foi de 0,862 o que mostra validade do constructo interno da escala utilizada.

Análise entre a prevalência de TMC e variáveis de interesse

A partir da análise bivariada, pode-se observar a prevalência de TMC, de acordo com variáveis investigadas apresentadas na tabela 1, a seguir. O grupo do sexo feminino apresentou maior prevalência de suspeição de TMC, com 72,9% ($n = 172$).

Tabela 1. relação entre TMC e variáveis de interesse entre acadêmicos de Enfermagem, 2020.

VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS	N	n	%	Valor de p
Sexo				0,005*
Feminino	236	172	72,9	
Masculino	23	10	43,5	
Escolaridade				0,055
Ensino superior completo	13	6	46,1	
Ensino superior incompleto	246	176	71,5	
Número de moradores no domicílio				0,006
Até 3 moradores	138	107	77,5	
Mais de 3 moradores	121	75	61,9	
Mora com quem precisa de cuidados permanentes				0,001
Sim	64	55	85,9	
Não	195	127	65,1	
Situação conjugal				0,013
Com companheiro (a)	28	25	89,3	

VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS	N	n	%	Valor de p
Sem companheiro (a)	231	157	67,9	
VARIÁVEIS RELACIONADAS AOS HÁBITOS DE VIDA				
Tabagismo				0,027
Sim	10	10	100,0	
Não	249	172	69,1	
Etilismo				0,04
Sim	86	54	62,8	
Não	173	128	74,0	
VARIÁVEIS DA VIDA ACADÊMICA				
Período que está cursando	N	n	%	0,001
Primeiro período	54	32	59,2	
Segundo período	41	36	88,0	
Terceiro período	30	21	70,0	
Quarto período	23	19	82,6	
Quinto período	53	36	67,9	
Sexto período	16	14	87,5	
Sétimo período	17	7	41,2	
Oitavo período	16	8	50,0	
Desperiodizado	9	9	100,0	
Quantidade de recursos online disponíveis				0,003
Um	33	27	90,0	
Dois	185	135	72,9	
Três	39	20	51,3	
Quatro	2	0	0,00	
Cinco	0	0	0,00	
Qualidade do acesso à internet na residência				0,004
Ótima	36	18	50,0	
Boa	113	75	66,4	
Regular	84	66	78,6	
Ruim	22	20	91,0	
Péssima	4	3	75,0	
Atividades realizadas em modelo remoto				0,017
Nenhum	77	62	80,5	
Um	121	77	63,6	
Dois	45	35	77,7	
Três	15	8	53,3	
Quatro	0	0	0,00	
Cinco	1	0	0,00	
Existem fatores que dificultem a rotina de estudos				≤0,0001
Sim	160	125	78,1	
Não	99	57	57	
VARIÁVEIS DE COVID-19				

VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS	N	n	%	Valor de p
Como classifica sua saúde mental				≤0,0001
Muito boa	5	0	0,00	
Boa	32	6	18,7	
Regular	102	59	57,8	
Ruim	90	87	96,6	
Muito ruim	30	30	100,0	
Diagnóstico de doença crônica				≤0,0001
Sim	63	57	90,5	
Não	181	114	63,0	
Prefere não responder	15	11	73,3	
Possui alguém próximo infectado pelo covid-19				0,013*
Sim	239	173	46,0	
Não	20	9	15,0	
Cuidou de alguém com covid-19				0,001*
Sim	50	44	88,0	
Não	209	138	66,0	
Possui alguém próximo que faleceu com covid-19				0,031
Sim	170	127	74,7	
Não	89	55	61,8	

N = total na linha; n = total de suspeitos acima de 7; % = prevalência; P = Teste do qui-quadrado de Pearson; *Valores do teste de Fischer.

Discussão

O aparecimento de TMC, por vezes, é constatado quando o aluno ingressa na Universidade. Além disso, observa-se grande frequência desses transtornos entre estudantes universitários de cursos ligados às ciências da saúde (Ansolin, et al., 2015). A prevalência geral de TMC (≥ 7 respostas “sim”) indica grau de suspeição, com sintomas referentes à depressão, ansiedade e somatotrópicos, indicando assim, as necessidades de melhor organização da atenção primária, no desenvolvimento de ações de promoção à saúde mental da população (Lucchese et al., 2014).

Os dados deste estudo corroboram com o realizado em São Paulo, que identificou que 55% dos estudantes universitários possuem risco de desenvolver TMC (Preto et al., 2016). Outros estudos identificaram que os acadêmicos de Fisioterapia e Enfermagem possuem maior predisposição para desenvolver TMC, quando comparados a outros cursos da área da saúde (Facundes; Ludermir, 2005). Contudo, embora concordantes com os estudos citados, a taxa de prevalência deste estudo é considerada alta, quando comparada a de outros estudos.

A pesquisa evidenciou que estudantes do curso de Enfermagem são os que apresentam prevalência significativa de rastreamento positivo para TMC (56,9%) (Souza et al., 2021). Deve-se considerar que o SRQ-20 rastreia casos suspeitos de TMC, e não estabelece categorias diagnósticas como na Classificação Internacional de Doenças – 10 (CID-10) e no *Diagnostic and Statistical Manual – V* (DSM-V) (Fiorotti et al., 2010).

Os sintomas apresentados pelo TMC são aqueles que podem desencadear problemas cognitivos como problemas de concentração; memória e tomada de decisões; distúrbios do sono; estresse; fadiga e

somáticos como cefaleia; falta de apetite; tremores e sintomas gastrointestinais; ainda que não considerado transtorno psicótico; podem causar problemas no rendimento individual, interpessoal, profissional e social (Oliveira et al., 2020).

Sobre o decréscimo de energia vital, houve duas perguntas com elevado número de respostas “sim”, sendo essas: “têm dificuldades para realizar com satisfação suas atividades”, “cansa-se com facilidade” (Moreira et al., 2020). Embora seja um momento de grande satisfação o ingresso no ensino superior, parte dos estudantes apresentam dificuldades de adaptações e de enfrentamento às demandas da rotina de vida acadêmica, o que pode condicionar a ocorrências de problemas emocionais, familiares, comportamentais ou transtornos mentais (Nogueira, 2017). A presença de pelo menos uma das queixas listadas no SRQ-20 pelos universitários, contribui com a ideia de buscar identificar a prevalência dos transtornos, e investigar queixas isoladas, que podem ser potencialmente incapacitantes (Ansolin, et al., 2015).

Dados desta pesquisa demonstraram que mais de 90% dos entrevistados eram do sexo feminino. Dentre as mulheres, 72,9% apresentaram suspeição. Este resultado é semelhante ao de estudo realizado com acadêmicos de Enfermagem de uma Universidade de Pernambuco, que identificou 86,6%. É sabido que o curso de Enfermagem é majoritariamente constituído pelo sexo feminino, e ainda é considerada profissão para “mulheres” (Oliveira et al., 2020).

Quanto à análise estatística, o resultado encontrado deduz comportamento estatisticamente diferente entre os sexos. Outro estudo traz resultados semelhantes e acrescenta que foi observado, ainda, que os índices de suspeitas aumentaram conforme a idade para ambos os sexos (Gomes et al., 2020). As mulheres possuem dificuldade em conciliar o internato com os estudos, ou seja, dificuldade com dedicação no período integral.

Possíveis causas desse risco aumentado entre as mulheres são interações entre influências hormonais, diferenças sexuais ligadas a aspectos neurais envolvidas com humor e ansiedade, estressores psicossociais, papéis de gênero prescritos e a importância do apoio social (Santos et al., 2017).

A associação constatada entre TMC e gênero feminino pode ser devido ao trabalho e o encargo familiar, visto que comumente implicam em renúncia ao próprio cuidado para dedicar-se ao próximo, culminando em quadros de consternação, ansiedade, frustração, angústia, adoecimento e, sobretudo, ocorrência de transtornos mentais (Lucchese et al., 2014). A literatura aponta uma exposição de sobrecarga de papéis, relacionada a questões sociofamiliares, onde as mulheres desempenham uma dupla jornada de trabalho, no lar e na faculdade (Preto et al., 2016).

Quanto à escolaridade, observou-se prevalência de TMC mais elevada nas classes com menos anos de estudo. A literatura aponta que os transtornos dessa natureza são prevalentes entre as mulheres, os mais pobres, aqueles com baixa escolaridade e desempregados. Outros fatores como condições precárias de moradia, baixa renda e participação no processo produtivo como trabalhador manual também se mostram associados (Oliveira et al., 2020). A exposição a fatores como a sensação de insegurança e falta de esperança, rápidas mudanças sociais e riscos de violência acabam, explicando parte desse fenômeno (Fryers et al., 2005).

O número de moradores no domicílio e a convivência com indivíduos que necessitam de cuidados permanentes também apresentaram significância estatística. Alunos que convivem com a família e que possuem uma boa relação com seus membros têm mais facilidade para se adaptarem às mudanças que ocorrem ao ingressar no ensino superior. Além disso, a família oferece apoio social e auxilia nas tomadas de decisões dos jovens, o que pode ser interpretado como positivo nessa fase da vida (Silva; Ferreira, 2009).

Ademais, cada domicílio possui suas singularidades, que refletem a forma como aquela família vive, seus hábitos, crenças e valores, os quais precisam ser compreendidos e respeitados no momento do cuidado. No entanto, é evidente que, em algumas situações, a família pode ser uma fonte de maior trabalho e desgaste para os acadêmicos. No Brasil, há uma grande quantidade de pessoas que necessitam de cuidados permanentes, como a alta prevalência de multimorbidade que afeta os idosos. Estima-se

que mais da metade da população da terceira idade apresente duas ou mais morbidades, fator que pode causar desgaste ao estudante devido à dupla jornada: o estudo universitário e o cuidado em casa (Samara et al., 2024).

Outro dado que apresentou significância estatística foi a presença de companheiro. Tal condição consiste em um fator protetor para o desenvolvimento do TMC. Esse resultado se justifica pelo fato de que os universitários sem companheiros, geralmente apresentam uma menor integração social e a percepção do sentido da vida mais negativa, em que o companheiro é visto como um importante ponto de apoio para enfrentamento dos obstáculos, além de favorecer recursos econômicos condizentes com a necessidade familiar. Nacionalmente, 30% da população adulta brasileira apresenta algum TMC (Moreira et al., 2020; Fernandes; Lima; Barros, 2020).

Existem evidências de uma estreita associação entre dependência à nicotina e presença concomitante de transtornos psiquiátricos. As características do efeito psicoativo da nicotina com a diminuição da ansiedade, euforia e outras sensações percebidas como prazerosas pelo tabagista tendem a reforçar o uso, particularmente nos transtornos mentais devido às manifestações de sofrimento psicológico (Calheiros; Oliveira; Andretta, 2006).

Outro dado que demonstrou relevância estatística foi a ingestão de bebidas alcoólicas e o já citado uso de tabaco. A literatura aponta relação entre uso de álcool e a suspeição de TMC. Com isso, ratifica-se a importância de estratégias de prevenção do consumo no grupo e o suporte em saúde mental, considerando a carga de problemas dessa natureza que poderá influenciar as atitudes em relação ao cuidado com a própria saúde e as implicações para o processo de formação (Oliveira et al., 2020).

Tratando-se das variáveis da vida acadêmica, o período que está cursando; quantidade de recursos online disponíveis; qualidade do acesso à internet na residência; atividades realizadas em modelo remoto; existem fatores que dificultam a rotina de estudos apresentaram significância estatística.

Foi identificado que a maioria dos alunos entrevistados estavam no segundo, quarto e sexto período da graduação. O achado é controverso, uma vez que não foi identificado unanimidade sobre o principal ano em que os alunos possuem maior suspeição de TMC. Contudo, aqueles alocados no segundo período apresentaram maior suspeição para ocorrência de suspeição. O dado corrobora o estudo que identificou que os alunos ingressantes (primeiro e segundo períodos) apresentaram maior ocorrência de TMC em relação aos acadêmicos dos demais períodos (Carleto et al., 2018).

Somado a isso, quando se fala sobre ansiedade e depressão, são encontrados índices elevados entre os universitários, sendo superiores entre a população, nos primeiros anos, período em que os discentes apresentam maior concentração dos sintomas depressivos ou de ansiedade. Outros autores referem a busca mudança ambiental referente à transição do ensino médio para o nível superior, além de não estarem habituados à leitura teórica em grande proporção e aprofundamento em questões sistemáticas associadas às áreas de atuação (Brondani et al., 2019).

Em contrapartida, acadêmicos do sexto período também apresentaram alta taxa de suspeição de TMC. Os últimos períodos na Universidade podem sobrecarregá-los, devido à ansiedade da conclusão do curso, a dedicação e pressão psicológica durante a preparação do trabalho de conclusão de curso (Calais et al., 2007), a incerteza do futuro profissional, que podem oferecer riscos à saúde mental (Silva; Neto, 2014).

Em decorrência da pandemia de covid-19 mudanças imediatas tiveram que ser adotadas na educação, dessa forma, a modalidade de ensino passou a ser totalmente remota (Costa et al., 2022). Foi identificado neste estudo que dentre os acadêmicos que possuíam um único recurso disponível para acompanhamento das aulas, 90% apresentavam alta suspeição para TMC. Em países em desenvolvimento, como no Brasil, ocorreram dificuldades em relação à falta de infraestrutura e de conhecimento sobre como operar as plataformas virtuais, em encontrar um ambiente silencioso para os estudos, e na falta de acesso a materiais didáticos virtuais (Rodrigues et al., 2021).

Estudo sinaliza que a maioria das famílias, utilizava antes da quarentena, diversas tecnologias nos

momentos de estudos ou para outras atividades (Grossi; Minoda; Fonseca, 2020). Esses dados indicam que os alunos tinham acesso prévio a diferentes mídias digitais. Tal resultado é de extrema importância, pois o presente estudo comprova que a escassez de recursos está intimamente associada com maior suspeição de TMC.

Se tratando da qualidade de acesso, a maioria dos entrevistados neste estudo relataram possuir boa rede internet. Contrariamente aos achados estudos com universitários que afirmaram ter acesso regular ou ruim em suas residências. Além disso, identificou-se que quanto pior, maior a suspeição de TMC entre os participantes da amostra. A internet facilita o processo de aprendizagem e, quando a utilização é fácil, aumenta o engajamento, contribuindo na adaptação a ritmos diferentes de estudo (Médici; Tatto; Leão, 2020).

Foi identificado que existem fatores que dificultam a rotina de estudos. Dentre os 160 estudantes que responderam que possuíam dificuldade na rotina, 78,1% possuem alta suspeição de TMC. Um estudo identificou a insegurança no contexto da pandemia; problemas de acesso à internet; continuidade e maior envolvimento nas atividades profissionais; e, inexistência de um ambiente propício para aprendizagem como principais fatores que dificultam o alcance dos objetivos relacionados à rotina de estudo (Gonçalves; Leite; Araújo, 2021). Há ainda situações como a quebra de rotina, falta dos aparelhos eletrônicos para dar continuidade à aprendizagem, aulas pouco interativas, dificuldades de comunicação com professores na aula remota; e, principalmente, a falta de motivação provocada pela ausência de perspectivas futuras, pois vivenciou-se no isolamento momentos de incertezas e dificuldades diárias (Souza, 2020; Soares; Guimarães; Souza, 2021)

Se tratando sobre a autopercepção da saúde mental, 100% dos entrevistados que classificaram como muito ruim, apresentaram alta suspeição para TMC, dentre os estudantes que classificaram como ruim, 96,6% possuíam alto risco de suspeição. Tal dado corrobora com estudo realizado com estudantes de um instituto federal que evidenciou que 39,2% dos entrevistados estavam insatisfeitos com a sua saúde (Esteves et al., 2021).

Um estudo realizado com residentes de um hospital universitário correlacionou a ocorrência de sintomas e a realização do acompanhamento em saúde mental, e pode-se perceber que as frequências mais elevadas de alterações de sono, de apetite, de concentração, e cansaço extremo entre residentes que não realizavam acompanhamento de saúde mental (Teodoro et al., 2021).

A percepção subjetiva de saúde envolve diversos âmbitos da vida do indivíduo, tais como: habilidade funcional; capacidade física; condição social; econômica e social, além da percepção do estado geral de saúde. Sendo assim, na medida que cai a percepção de saúde e bem-estar, há elevação da incapacidade funcional, da sensação de dor, da redução na qualidade das suas relações sociais, que pode ter sido provocado pelo distanciamento social vivido em função da pandemia (Esteves et al., 2021).

Quando o estudante possui uma percepção positiva acerca das próprias habilidades e competências para aprender, empregar estratégias de estudo e gerir o tempo, pode se constituir fator protetivo para saúde mental. No entanto, não apenas a percepção da experiência e das dificuldades acadêmicas são relevantes na saúde, mas também o modo como os estudantes enfrentam os estressores acadêmicos e as demais intercorrências no seu processo de formação (Chau; Vilela, 2017).

A maioria dos estudantes referiram ausência de doença crônica. Tal dado corrobora com estudo semelhante (Campanholo et al., 2021). Contudo, dentre os 63 participantes deste estudo que possuem doenças crônicas, 90,5% possuem suspeição para TMC.

Tal dado pode ser justificado devido à forte correlação entre infectados pela covid 19 e comorbidades, pois há um risco maior de um paciente contrair a infecção, por possuir doenças crônicas como cardiopatias, hipertensão arterial, problemas respiratórios, diabetes, essas doenças aceleram um prognóstico pior na evolução da doença (Lerner et al., 2022).

Identificou-se que 170 estudantes possuíam algum conhecido próximo que faleceu em decorrência

da infecção. Desses, 74,7% apresentaram alta suspeição para TMC. O grau de proximidade de alguém infectado pelo coronavírus aumenta as chances de apoio ao isolamento social, e pela percepção de proximidade ao risco de morte (Pereira; Medeiros; Bertholini, 2020).

É importante refletir que esses acadêmicos logo seriam profissionais e os que já atuavam na linha de frente, lidavam com a existência de várias perdas de vida, incluindo a de colegas de trabalho. Assim, as constantes mudanças nas equipes de saúde, devido ao adoecimento ou falecimento dos trabalhadores, podem desencadear a sensação de não pertencimento aos membros que seguem na equipe, além de medo e ansiedade (Fontes et al., 2020).

O fato de as pessoas vítimas da covid-19 serem tratadas como estatística pela comunidade e pela mídia pode causar sofrimento e complicações no luto daqueles que perderam ente querido. Diante disso, iniciativas que visam a criação de memoriais virtuais teve como objetivo de dar significado e importância a essas mortes, podem auxiliar no processo de luto (Wallace et al., 2020).

Como limitação de estudo, deve ser ressaltado que os estudos transversais são os preferenciais para determinar prevalência de doenças ou fatores de risco associados, mas não determinam associações do tipo causa-efeito, visto que as medições de exposição (isolamento) e desfecho (TMC) são realizadas simultaneamente. Por outro lado, conseguem identificar características que podem ser passíveis de intervenção.

Considerações finais

O estudo permitiu conhecer o perfil sociodemográfico da população estudada, sendo a maioria do sexo feminino; residir em casa com até três moradores; e com pessoas que necessitam de cuidados permanentes. Ademais, evidenciou-se significância estatística entre o consumo de álcool e tabaco, com a maior suspeição de desenvolvimento de TMC.

Permitiu também, compreender o contexto relacionado à vida acadêmica dos participantes. Estar nos períodos iniciais de graduação, possuir poucos recursos *online*, qualidade da internet ruim, não realizar nenhuma atividade em modelo remoto, possuir fatores que dificultem a rotina de estudos. Tais informações revelam que condições sociais podem elevar a suspeição de TMC. Quanto às variáveis relacionadas à Covid-19, classificar a saúde mental como muito ruim, possuir doença crônica, estar cuidando de alguém com covid, falecimento de alguém próximo, apresentaram maiores pontuações para a suspeição de TMC. Tais dados evidenciam que a preocupação com a saúde mental dos acadêmicos, bem como estratégias para promover hábitos de vida mais saudáveis, são importantes para reduzir os sintomas e suspeição de TMC.

Ressalta-se a importância de acompanhar de perto a população estudada no âmbito da saúde mental, pois virão a ser profissionais de saúde que, em breve, cuidarão de outros indivíduos em aspecto global. Recomendam-se novos estudos contendo aspectos qualitativos para aprontamento de estudo do objeto de pesquisa.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

ANSOLIN, A. A. S.; ROCHA, D. L. B.; SANTOS, R. P.; POZZO, V. C. D. Prevalência de transtorno mental comum entre estudantes de psicologia e Enfermagem. *Arq. Ciênc. Saúde*, 2015; v. 22, n. 3, p. 42-45. Acesso em: 3 fev. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282669560_Prevalence_of_common_mental_

disorder_between_psychology_and_nursing_students

BRONDANI, M. A. et al. Depressão em estudantes universitários: fatores de risco e protetivos e sua relação nesse contexto. *Disciplinarum Scientia | Saúde*, v. 20, n. 1, p. 137–149, 21 jun. 2019. Acesso em: 7 abr. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/2629>

BUBLITZ, S. et al. Estresse em estudantes de Enfermagem: uma revisão integrativa. *Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 2, n. 3, p. , 27 dez. 2012. Acesso em: 22 jan. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/3485>

CALAIS, S. L. et al. Stress entre calouros e veteranos de jornalismo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 24, n. 1, p. 69–77, mar. 2007. Acesso em: 7 abr. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/GkDdhSTf44gc6HnSsWHMGJM/abstract/?lang=pt>

CALHEIROS, P. R. V; OLIVEIRA, M. S; ANDRETTA, I. Comorbidades psiquiátricas no tabagismo. *Aletheia*, v. 23, n. , p. 65–74, 2006. Acesso em: 26 mar. 2024. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000200007

CAMPANHOLO, E. M. et al. Avaliação da condição de saúde mental de estudantes de Medicina perante o cenário da pandemia da Covid-19. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 16, p. e596101623933, 2021. Acesso em: 2 ago. 2024. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/23933/21263>

CARDOSO, A. C. C. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de Medicina durante a pandemia de Covid-19. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 46, n. 1, p. , 2022. Acesso em: 16 jan. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.1-20210242>

CARLETO, C. T. et al. Adaptação à Universidade e transtornos mentais comuns em graduandos de Enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 20, n. , p. , 17 abr. 2018. Acesso em: 3 fev. 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/43888>

CARLETO, C. T. et al. Adaptação à Universidade e transtornos mentais comuns em graduandos de Enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 20, n. , p. , 17 abr. 2018. Acesso em: 26 mar. 2024. DOI: 10.5216/ree.v20.43888

CHAU, C.; VILELA, P. Determinantes de la salud mental en estudiantes universitarios de Lima y Huánuco. *Revista de Psicología*, v. 35, n. 2, p. 387–422, 2017. Acesso em: 11 jul. 2024. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/pdf/psico/v35n2/a01v35n2.pdf>

COSTA, J. B. et al. Entraves e benefícios na utilização do ensino remoto para os acadêmicos do curso de Enfermagem durante a pandemia de COVID-19: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 1, p. e44911124883–e44911124883, 11 jan. 2022. Acesso em: 7 abr. 2024. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24883/22073>

ESTEVES, C. S. et al. Avaliação de sintomas depressivos em estudantes durante a pandemia do COVID-19. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 9, n. 1, p. 9, 27 jan. 2021. Acesso em: 11 jul. 2024. Disponível em: <https://seer.uffm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs/article/view/5196>

FACUNDES, V. L. D.; LUERMIR, A. B. Common mental disorders among health care students. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 27, n. 3, p. 194–200, set. 2005. Acesso em: 14 fev. 2024. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462005000300007&script=sci_arttext

FERNANDES, C. S. E.; LIMA, M. G.; BARROS, M. B. A. Problemas emocionais e uso de medicamentos psicotrópicos: uma abordagem da desigualdade racial. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 5, p. 1677–1688, maio 2020. Acesso em: 26 mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33362019>

FIOROTTI, K. P. et al. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 59, n. 1, p. 17–23, 2010. Acesso em: 14 fev. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/SDYGFzZpxLZd6BrwPZBttPj/abstract/?lang=pt>

FONTES, W. H. D. A. et al. Perdas, Mortes e Luto Durante a Pandemia de Covid-19: Uma Revisão da Literatura / Losses, Deaths and Grief During the Covid-19 Pandemic: A Literature Review. *ID online REVISTA DE PSICOLOGIA*, v. 14, n. 51, p. 303–317, 30 jul. 2020. Acesso em: 11 ago. 2024. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2557>

FRYERS, T. et al. The distribution of the common mental disorders: social inequalities in Europe. *Clinical Practice and Epidemiology in Mental Health*, v. 1, n. 1, p. 14, 2005. Acesso em: 23 fev. 2024. Disponível em: <https://www>.

ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1242241/

GOLDBERG, D. A. Bio-social model for common mental disorders. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, v. 90, n. s385, p. 66–70, dez. 1994. Acesso em: 22 jan. 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7740974/>

GOMES, C. F. M.; JUNIOR, R. J. P.; CARDOSO, J. V.; SILVA, D. A. Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: abordagem epidemiológica sobre vulnerabilidades. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português)*, 2020; v. 16, n. 1, p. 1–8. Acesso em: 23 fev. 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/166992/159546>

GOMES, L. A. Prevalência e fatores associados a Sofrimento Psíquico entre estudantes de Enfermagem, Medicina e Nutrição do campus de Botucatu, **UNESP**. Acesso em: 22 jan. 2024. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_310b11224ea09e0c974a51b9185109d2

GONÇALVES, J. T. F; LEITE, A. S; ARAÚJO, M. S. Aulas remotas durante a pandemia da COVID-19 no curso de Ciências Biológicas no Instituto Federal do Maranhão. *REnCiMa*, v. 12, n. 1, p. 1-15, 2021. Acesso em: 12 maio 2024. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/renxima/article/view/2839/1527>

GONÇALVES, D. M.; STEIN, A. T.; KAPCZINSKI, F. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 24, n. 2, p. 380–390, fev. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/7dgFYgCkbXw9BgwY7dY94Nb/>

GROSSI, M. G. R.; MINODA, D. S. M.; FONSECA, R. G. P. Impacto da Pandemia do Covid-19 na Educação: Reflexos na vida das Famílias. *Teoria e Prática da Educação*, v. 23, n. 3, p. 150–170, 16 dez. 2020. Acesso em: 12 maio 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/53672>

GUIRADO, G. M. P.; PEREIRA, N. M. P. Uso do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) para determinação dos sintomas físicos e psicoemocionais em funcionários de uma indústria metalúrgica do Vale do Paraíba/SP. *Cad Saúde Colet*, 2016; v. 24, n. 1, p. 92-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/jZgpygMZKXZtqzM53BLYGqR/>

LEÃO, T.; GOTO, C. S.; IANNI, A. M. Z. Covid-19 e saúde mental de estudantes universitários: uma revisão crítica da literatura internacional. *Revista de Psicologia da Unesp*, v. 20, n. 1, p. 31, 2021. Acesso em: 22 jan. 2024. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003121626>

LERNER, A. R. et al. Prevalência Das Reações Adversas Entre Os Acadêmicos Vacinados De Um Centro Universitário. **TCC - Enfermagem**, 2022. Acesso em: 2 ago. 2024. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/enf/article/view/1527>

LUCCHESE, R. et al. Prevalência de transtorno mental comum na atenção primária. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 27, n. 3, p. 200–207, jul. 2014. Acesso em: 8 fev. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/hPYgLCWcbcyr5Wt5jhgxT5z/?lang=pt>

MÉDICI, M. S.; TATTO, E. R.; LEÃO, M. F. Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus. *Revista Thema*, v. 18, n. , p. 136–155, 4 ago. 2020. Acesso em: 12 maio 2024. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1837>

MOREIRA, R. M. M. et al. Transtorno mental comum em usuários de substâncias psicoativas. *Enfermagem em Foco*, v. 11, n. 1, p. , 26 jun. 2020. Acesso em: 14 fev. 2024. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/Enfermagem/article/view/2675/711>

MOREIRA, R. M. M. et al. Transtorno mental comum em usuários de substâncias psicoativas. *Enfermagem em Foco*, v. 11, n. 1, p. , 26 jun. 2020. Acesso em: 26 mar. 2024. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/Enfermagem/article/view/2675/711>

MOTA, D. C. B. et al. Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 6, p. 2159–2170, jun. 2021. Acesso em: 13 jan. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kZGncmhsthtskP463HNQ95s/?lang=en&format=pdf>

NOGUEIRA, M. J. C. Saúde mental em estudantes do ensino superior: fatores protetores e fatores de vulnerabilidade. **repositorio.ul.pt**, 2017. Acesso em: 14 fev. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/28877>

OLIVEIRA, E. B. et al. Common mental disorders in nursing students of the professionalizing cycle. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, n. 1, p. , 2020. Acesso em: 22 jan. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/>

reben/a/5TscDmMPSdzZ4yGGrz4Qy3N/?lang=en

OLIVEIRA, E. B. et al. Common mental disorders in nursing students of the professionalizing cycle. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 1, p. , 2020. Acesso em: 26 mar. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/5TscDmMPSdzZ4yGGrz4Qy3N/?lang=en>

PEREIRA, C.; MEDEIROS, A.; BERTHOLINI, F. O medo da morte flexibiliza perdas e aproxima polos: consequências políticas da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n. 4, p. 952–968, ago. 2020. Acesso em: 9 ago. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/wnnq8HZZPkscGB69yV6FN9M/?format=pdf&lang=pt>

PRETO, V. A. et al. Relação do perfil sociodemográfico com o risco de adoecimento por transtornos mentais comum em alunos do curso de Enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 10, n. 12, p. 4501–4508, 20 out. 2016. Acesso em: 14 fev. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaEnfermagem/article/view/11516>

RODRIGUES, P. S. et al. Aprendizagem baseada em problemas no ensino remoto: vivências de estudantes de Enfermagem na pandemia covid-19. **REME rev min enferm**, v. , n. 25, p. 1407, 2021. Acesso em: 7 abr. 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1356676>

RODRIGUES, B. B. et al. Aprendendo com o Imprevisível: Saúde Mental dos Universitários e Educação Médica na Pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. suppl 1, p. , 2020. Acesso em: 13 jan. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbem/v44s1/1981-5271-rbem-44-s1-e149.pdf>

SAMARA, D. et al. What is the burden of multimorbidity and the factors associated with its occurrence in elderly Brazilians? **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 77, n. 1, p. , 1 jan. 2024. Acesso em: 23 fev. 2024. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC11067935/>

SANTOS, L. S. et al. Qualidade de Vida e Transtornos Mentais Comuns em Estudantes de Medicina. **Cogitare Enfermagem**, v. 22, n. 4, p. , 29 nov. 2017. Acesso em: 23 fev. 2024. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/52126>

SILVA, A. O.; NETO, J. L. C. Associação entre níveis de atividade física e transtorno mental comum em estudantes universitários. **Motricidade**, v. 10, n. 1, p. 49–59, 2014. Acesso em: 7 abr. 2024. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273030008006>

SILVA, H. G. N.; SANTOS, L. E. S.; OLIVEIRA, A. K. S. Efeitos da pandemia no novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades. **J. nurs. health**, v. 10, e20104007, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Enfermagem/article/view/18677>. Acesso em: 9 abr. 2024.

SILVA, S. L. R.; FERREIRA, J. A. Família e ensino superior: que relação entre dois contextos de desenvolvimento? **Exedra: Revista Científica**, v. , n. 1, p. 101–126, 2009. Acesso em: 23 fev. 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3398329>

SOARES, C. S; GUIMARÃES, D. E. L; SOUZA, T. V. Ensino remoto emergencial na percepção de alunos presenciais de Ciências Contábeis durante a pandemia de Covid-19. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v. 20, n. , p. 3182, 2021. Acesso em: 18 jun. 2024. Disponível em: <https://revista.crcsc.org.br/index.php/CRCSC/article/view/3182/2292>

SOUZA, A. R. et al. Relação entre Transtornos Mentais Comuns e a ingestão dietética de universitários da área da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 9, p. 4145–4152, set. 2021. Acesso em: 14 fev. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/7SHgBdJ3zb73kbLtgWnWsRz/>

SOUZA, L. G. B. Dificuldades encontradas por estudantes em período de pandemia. In: I Mostra Científica: Retratos da pandemia em contextos, 2020. **Anais da I Mostra Científica: Retratos da pandemia em contextos**. Cedro: IFCE, 2020. p. [número da página, se disponível]. Acesso em: 15 jun. 2024. Disponível em: https://ifce.edu.br/cedro/campus_cedro/grupos-de-pesquisa/anais-i-mostra-cientifica-gipea-final-1.pdf/@@download/file/ANALIS%20-%20I%20Mostra%20Cient%C3%ADfica%20Gipea%20Final%20.pdf

SOUZA, M. R.; CALDAS, T. C. G.; ANTONI, C. Fatores de Adoecimento dos Estudantes da Área da Saúde: Uma Revisão Sistemática. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 3, n. 1, p. 99–126, 11 jul. 2017. Acesso em: 3 fev. 2024. Disponível em: <https://psicodebate.dpgsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/93>

TEODORO, M. L. M. et al. Saúde mental em estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 9, n. 2, p. 372, 21 abr. 2021. Acesso em: 11 jul. 2024. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs/article/view/5409>

WALLACE, C. L. et al. Grief during the COVID-19 pandemic: Considerations for palliative care providers. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 60, n. 1, p. 70–76, abr. 2020. Acesso em: 15 ago. 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32298748/>